

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

POLICROMIA HISTÓRICA E IDENTIDADE CROMÁTICA DA PAISAGEM URBANA

Natalia Naoumova (UFRGS)

Maria Cristina Dias Lay (UFRGS)

Policromia Histórica e Identidade Cromática da Paisagem Urbana

Resumo

O foco desse artigo é a policromia urbana em contexto histórico como característica importante do patrimônio urbano construído. O trabalho examina a evolução das cores das cidades brasileiras e tem como objetivo revelar as peculiaridades da coloração de diferentes períodos históricos, determinar as tipologias de pintura dos estilos correspondentes e esclarecer a interligação dos aspectos históricos das cores e sua relação com a identidade urbana atual. O estudo cromático foi realizado através da avaliação de grupos de edificações com linguagem de estilos representativos dos três períodos históricos, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Os dados foram coletados por intermédio de técnicas complementares, tais como prospecções dos edifícios, levantamento de registros históricos, análise de imagens e estudos de antigos projetos com fachadas coloridas, guardados em arquivos municipais. Os resultados obtidos sustentam a idéia de que grupos de prédios com distintas características estilísticas também possuem identificáveis atributos cromáticos em termos de paleta, estruturação e dinâmica, revelados através da metodologia adotada. Ainda, a investigação evidenciou a formação da imagem cromática urbana de áreas históricas como um processo contínuo e dinâmico, cuja identidade histórica e autenticidade cultural devem ser preservadas.

Introdução

Em face das mudanças e acentuado crescimento das cidades contemporâneas, somados aos efeitos da globalização, que acelera a dissimilação cultural, a manutenção de autenticidade cultural implícita nas cidades históricas, sobretudo como parte da diversidade cultural, pode ser considerada como chave da cidade sustentável. Atualmente, vem crescendo a compreensão de que deve ser dada prioridade à conservação e ao desenvolvimento adequado do patrimônio urbano. De um lado, isso ocorre devido ao reconhecimento de seu papel como suporte no processo de desenvolvimento sustentável, baseado nas tradições locais e recursos da comunidade; e, de outro lado, devido à valorização das cidades históricas. Sabe-se que a conservação efetiva dos prédios históricos como parte dos recursos urbanos patrimoniais ajuda não somente a revitalizar a economia local das cidades, mas também a potencializar a identidade do local e a criar a sensação de pertencimento para os seus residentes. Visto nesse contexto, o patrimônio urbano construído é mais do que memória do passado – ele torna-se parte integral da identidade urbana.

O patrimônio histórico urbano é compreendido hoje como recurso não renovável. Nesse patrimônio, cada edificação, como objeto patrimonial, pertence a um determinado período histórico, ambiente geográfico e a uma cultura específica. Isso resulta na formação de valores culturais substanciais, tais como identidade, memória, autoconsciência e preferências estéticas (Coeterier, 1996). De acordo com a literatura, tal recurso é capaz de atribuir novos valores para estruturas sociais por meio de ligações culturais baseadas nos valores históricos estabelecidos. Nesse sentido, uma nova cultura ecológica e seu conceito "desenvolvimento sustentável" (aqui definido como a soma de ações de melhoramento e progresso, voltadas às necessidades de gerações presentes, sem comprometer as capacidades das gerações futuras de suprir as suas próprias necessidades), encontram-se adequados às atividades ligadas à recuperação das áreas históricas, porque eles estão em paralelo com as metas atuais de manutenção do acervo cultural construído.

Compreende-se que o caráter particular histórico da cidade é formado não somente pelos monumentos arquitetônicos excepcionais, mas também pelo conjunto de edificações singulares comuns de diferentes períodos do passado, que representam conhecimentos, hábitos e experiências dos seus criadores e usuários. Como aponta Aguiar (2005), o papel identitário do patrimônio histórico, no novo quadro de reconhecimento e valorização da diversidade cultural, é essencial.

Uma das características significativas desse acervo é a sua policromia, que também constrói parte importante da identidade urbana refletindo-se nela em diferentes níveis. Como salientam vários autores (por exemplo, LENCLÓS, 1989, 1995; LANCASTER, 1996; GATZ et al., 1961), os padrões das cores variam de período para período, de país para país, e, às vezes, de uma tribo para outra. Além disso, a localização geográfica, as características climáticas da região, assim como as cores locais, com suas qualidades cromáticas delimitadas pela luz natural, solos, rochas e vegetação, são determinantes na percepção das cores e têm um papel importante na definição da identidade cultural de nações, cidades, e todas as outras aglomerações humanas.

Sob o ponto de vista psicológico e perceptual, as cores podem ser usadas não só para visualmente definir a forma e o espaço ou salientar as superfícies, mas também para destacar ou harmonizar as edificações com seu ambiente circundante. Ademais, podem ser empregadas a fim de comunicar informação a nível visual ou simbólico sobre a função da edificação, para expressar tradições da população ou atrair a atenção (HOPE e WALCH, 1990; PORTER, 1982). De um lado, as relações entre cores de componentes naturais e artificiais estabelecidas durante a evolução histórica urbana constroem a imagem cromática peculiar da cidade como um lugar único e diverso. De outro lado, criam-se semelhanças em cores, pois a memória histórica coletiva, guardada por meio de tradições, influencia a coloração atual das edificações, induzindo a esquemas típicos de pintura que os habitantes de uma dada região ou local acostumam-se a ver e apreciar. Quando essa coloração torna-se claramente reconhecida e familiar, parece ajudar a criar um sentimento de pertencimento ou “sentido de lugar”, afetando a experiência estética e sua avaliação. Esse argumento é sustentado por inúmeros estudos ambientais (tais como PURCELL, 1984), cujos resultados indicam a existência de forte relação entre prototipicidade de estímulos ambientais e beleza. Além disso, a policromia urbana como atributo significativo do acervo cultural construído contribui na formação de “sentido de permanência” (ou sentimento de estabilidade), o que é reconhecido como a necessidade humana “de pertencer a algum lugar em tempo e espaço” (NORBERG-SCHULS, 1984). De acordo com Sabri (2000), esse processo de "auto-identificação", com suas raízes históricas, pode promover efeitos positivos no desenvolvimento da sociedade e continuidade da civilização, servindo como uma ponte entre a história e o futuro de sociedade.

Visto sob tal perspectiva, a realização de estudos documentados que reúnem informação sobre a coloração antiga das cidades adquire grande importância. Eles podem tanto revelar as cores autênticas dos monumentos isolados de uma determinada época quanto mostrar a coloração predominante dos períodos do passado e seus estilos em seqüência de

mudanças, apontando permanências e inovações, e, assim, criando dados e pontos de referência para futuras intervenções na escala urbana. Stamps (1989), baseado nas evidências decorrentes de seus estudos, salienta que ambientes urbanos cuidadosamente arranjados atraem as pessoas e as fazem sentir-se melhor: essa é uma condição necessária para manter tais lugares vivos e mais seguros. A implementação de projetos qualificadores de áreas históricas também é um fator relevante para proporcionar a revalidação dos espaços degradados. Portanto, o processo da preservação da imagem visual das cidades históricas, incluindo as suas cores, realizado com a intenção de manter a identidade cultural, pode ser considerado como um dos elementos-chave de uma sociedade sustentável. Assim, a partir das várias dimensões da conservação patrimonial, este artigo explora o papel da policromia das edificações em um contexto histórico como uma importante característica do patrimônio urbano.

O objetivo deste trabalho é revelar as características de coloração de prédios nos diferentes períodos do passado, determinar as tipologias cromáticas dos estilos arquitetônicos correspondentes e esclarecer a interligação dos aspectos históricos das cores e sua relação com a identidade urbana contemporânea.

Metodologia

Como base para a pesquisa sobre a evolução da policromia urbana foi selecionado o centro histórico da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, o qual é formado por significativo acervo de edificações de valor patrimonial. Entretanto, como a cidade não possui atualmente os exemplares de arquitetura do período colonial em quantidade suficiente para realizar as conclusões verídicas sobre as tipologias de tal período, as edificações desse tipo foram investigadas na cidade próxima – Piratini. Este sítio, fundado por imigrantes das Ilhas dos Açores no final do século XVIII, por causa da posterior desaceleração e degradação da sua economia, guardou o acervo das construções antigas quase intacto. O estudo cromático fundamentou-se na avaliação de três grupos de edificações, com estilos representativos de três períodos históricos. Os dados foram coletados através de técnicas complementares, tais como prospecções das edificações, levantamento de registros históricos, análise de imagens fotográficas e avaliação de antigos projetos dotados de fachadas coloridas, encontrados em arquivos dos municípios (NAOUMOVA, 2003).

A sistematização dos dados individuais, assim como a padronização das cores de acordo com os elementos das fachadas, foram realizadas por meio de um programa

computacional desenvolvido com essa finalidade, o qual permitiu resguardar, pela análise estatística, qualidades cromáticas intrínsecas ao patrimônio arquitetônico específico a cada linguagem estilística. A definição do conceito de tipologia cromática (esquema cromático típico de estilo) foi baseada na noção de tipologia proposta por Norberg-Schulz, que a considera como participativa na formação de identidade de um lugar. Segundo esse autor, os lugares (e, conseqüentemente, os prédios e suas pinturas) não representam a multidão infinita de casos diferentes, mas constituem universo de modelos ou esquemas semelhantes identificáveis (NORBERG-SCHULZ, 1984).

Com base nos argumentos mencionados na literatura estudada sobre policromia urbana (por exemplo, EFIMOV, 1990), foram considerados três grupos de características com intuito de estabelecer os critérios operacionais para a formação de modelos cromáticos tipológicos: 1) cor (paleta); 2) forma (morfologia das fachadas); e 3) interligação entre cor e forma.

Em relação à paleta, foram avaliados: (i) gama das cores (matizes predominantes); (ii) proporção das cores claras e escuras, saturadas e neutras, cromáticas e acromáticas; (iii) freqüentes combinações de cores e tipos de contrastes entre elas.

Quanto à forma, foram analisadas as seguintes características: (i) identificação dos elementos morfológicos significativos que receberam coloração diferente; (ii) arranjos desses elementos em grupos, segundo sua posição na superfície da fachada e função, tais como, paredes (área maior da fachada), detalhes (elementos salientes de marcação formal), decoração (elementos pequenos), embasamentos (como área mais baixa das paredes), portas e janelas.

Nos aspectos relacionados à interligação, as seguintes análises foram realizadas: (i) comparação de coloração do fundo e dos detalhes; (ii) avaliação da relação entre cor e limites da forma (se a coloração corresponde ou não aos contornos dos elementos formais); (iii) proporção das áreas coloridas em relação aos elementos; (iv) efeitos visuais proporcionados na leitura das fachadas; (v) presença de texturas; (vi) uso de materiais aparentes; e (vii) dinâmica de mudanças de cor. De acordo com o conceito de tipologia cromática definida para esse estudo, a dinâmica refere-se à possibilidade ou amplitude de variações cromáticas “permitidas” dentro de um conjunto determinado de esquemas sem perder a essência de uma tipologia.

Resultados

O período colonial e as tipologias cromáticas da linguagem luso-brasileira

O grupo de edificações estudado do período colonial, construído na primeira metade do século XIX, representa a linguagem luso-brasileira. São edificações térreas e alguns poucos sobrados, em sua maioria, de caráter residencial ou comercial (figuras 1a e 1b). As fachadas caracterizam-se pelos recursos típicos de composição plástica e linguagem arquitetônica daquele período: volumetrias simples; proporções dos vãos próximas ao retângulo achatado ou ao quadrado, e prevalência dos cheios sobre os vazios. Grande parte das edificações possui beirais com cimalthas ou beiradas. As esquadrias são executadas em madeira grossa, janelas de guilhotina, geralmente com verga reta ou arco abatido. Também se encontram as bandeiras com vitrais coloridos nas aberturas das edificações de melhor acabamento. Outra característica marcante dessas construções é sua localização sobre o alinhamento predial, sem recuo frontal, ocupando toda a testada do lote. Dessa maneira, as fachadas são justapostas umas às outras e, por isso, a cor atribuída a cada construção, torna-se um elemento importante de composição e percepção da paisagem urbana.

Os resultados das prospecções revelaram que grande parte das edificações estudadas foi caiada em cor branca a qual predominou nas paredes ao longo dos anos, apresentando ligeiras variações de tonalidade, devido ao tipo de cal utilizado. As fotografias de arquivos confirmaram esta tendência, que perdurou até a primeira metade do século XX. O caso das edificações de Piratini parece confirmar as observações dos viajantes que passaram pelo estado ao longo do século XIX e destacavam a brancura das casas em diversas localidades (SAINT-HILAIRE, 1944). Em particular, no litoral, a cal adquirida das conchas queimadas foi freqüentemente utilizada (LUCCOK, 1977).

As cores ocre, amarelado e tonalidades avermelhadas, quando aparecem nas fachadas, provavelmente se deve à incorporação de pigmentos extraídos de argilas, ou misturas de pó de tijolos, no leite da cal. Apesar de ter sido narrada, pelos viajantes da época, a presença do inseto cochonilha, da família *Coccidae*, nos arredores da cidade, geralmente utilizado a fim de preparar a tinta escarlate para diferentes finalidades – por exemplo, em produtos farmacêuticos (SMITH, 1886) –, não foi encontrada evidência sobre o uso desse tipo de pigmento nas edificações. Em termos de estruturação cromática, havia fachadas pintadas somente com uma cor, assim como as edificações, com duas ou três cores, que marcaram os elementos verticais e horizontais e esquadrias.

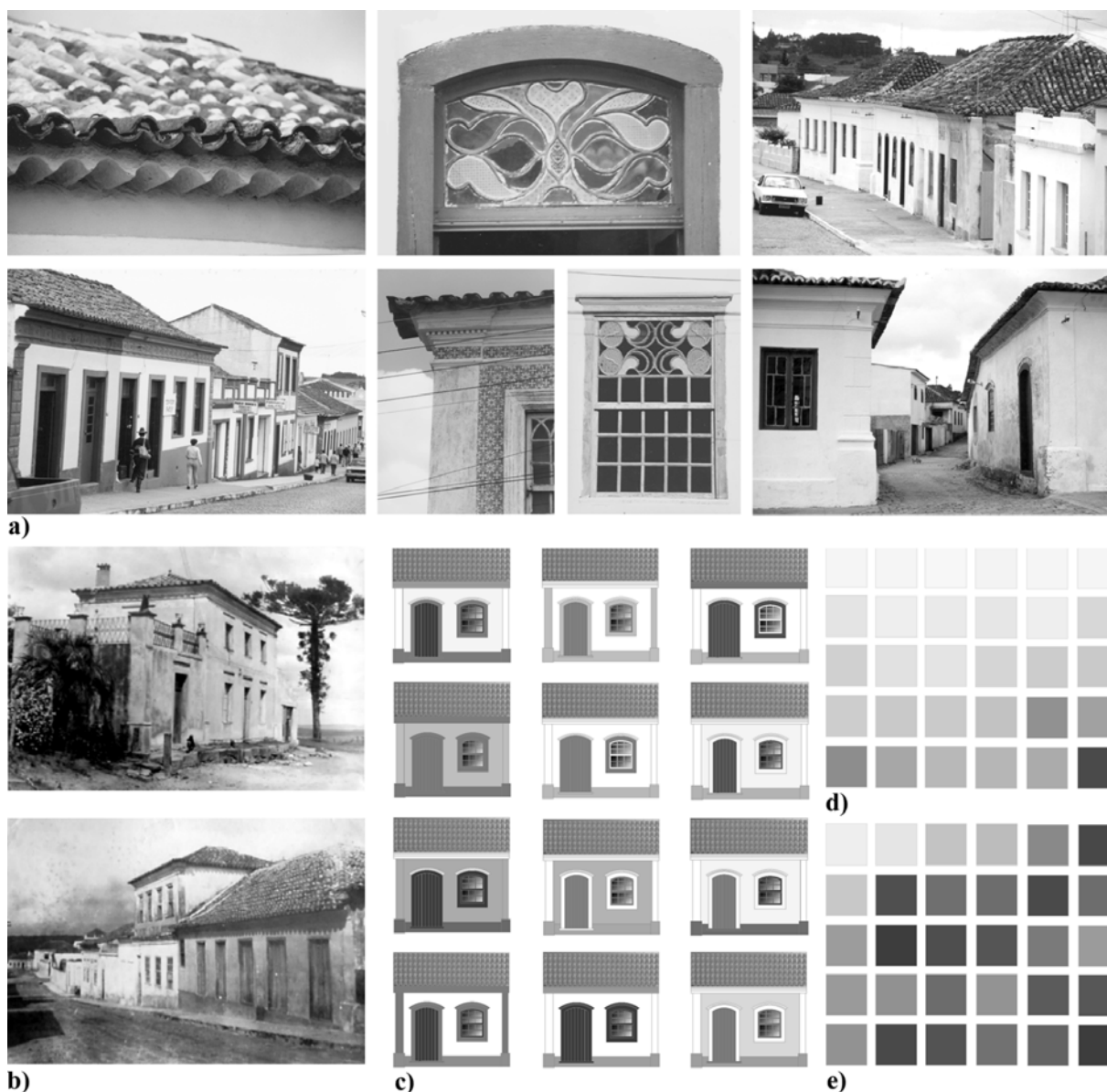


Figura 1: Estudo cromático da linguagem luso-brasileira na cidade de Piratini.

a) Exemplos dos prédios e detalhes ornamentais. Fotografias: Faria A. P. Neto de; Naoumova N. b) Fotografias históricas da cidade do final do século XIX. Acervo: Arquivo da Secretaria de Turismo, Indústria, Comércio e Serviços da cidade de Piratini. c) Esquemas de tipologias cromáticas. d) Paleta das cores das paredes. e) Paleta das cores dos detalhes e aberturas.

A base de edificação, provavelmente, foi definida com uma cor escura. Nas aberturas, predominou a pintura a óleo, utilizada para proteger a madeira e conferiu - lhes um tom marrom avermelhado. Saint-Hilaire (1944) chamou essa cor de “vermelho carregado”, e Vasconcellos (1956) adotou um outro termo expressivo, referindo-se a ela como: "sangue de boi". O verde parece ser preferido nas casas mais nobres (SMITH, 1975). Geralmente,

combinaram-se duas cores diferentes nas esquadrias e cinchais devido ao tipo diferente de tinta utilizada. A coloração das portas e janelas, onde se concentravam 'os matizes mais escuros e saturados, exercia grande importância na imagem da edificação e da cidade em geral, proporcionando um contraste brusco com a brancura das paredes das casas e o jogo acentuado de claro-escuro na percepção dos quarteirões.

O período eclético e as tipologias cromáticas da linguagem eclética

O grupo das edificações estudado, que representa o Período Eclético, data da segunda metade do século XIX e início do século XX. O termo eclético, no sentido geral, refere-se à associação de referências estilísticas de diferentes origens em um mesmo edifício. No Brasil, esse termo é convencionalmente usado no sentido mais amplo, para designar a arquitetura produzida após o declínio do neoclassicismo (PATETA, 1987; CZAJKOWSKI, 2000).

Em Pelotas, essas edificações desenvolveram-se como resultado do rápido crescimento da cidade, decorrente da produção do charque (carne salgada) e vendas sucedidas desse produto para o interior e exterior do País. Nas residências daquele período, predominou a linguagem arquitetônica definida como “*Eclétismo Historicista*” (SCHLEE, 1993), na qual se buscava a adoção imitativa das formas do passado, principalmente elementos do Renascimento italiano (figura 2). A linguagem arquitetônica pelotense caracterizava-se pelo uso das pilastras de ordem clássica, com capitéis comumente de ordem compósita (apresentando cinco folhas de acanto estilizadas e divididas em dois níveis e encimadas em volutas); entablamento desenvolvido com arquitrave, friso e cornija. Nas residências assobradadas, foi freqüente o uso das sacadas de púlpito ou corridas protegidas por guardacorpos de ferro. Os frontões de massa sobre as portas e janelas exibiam grande quantidade de decoração miúda de origem floral, como guirlandas, rosetas, e também máscaras e cártulas. Nas platibandas cegas ou vazadas, era aplicada uma série de elementos decorativos, a maioria destes importados de Portugal: pinhas, vasos, ânforas, pináculos, globos e estátuas de louça (DOMINGUES, 2004).

Os dados coletados por meio das prospecções evidenciaram alto nível de cromaticidade das fachadas. Os prédios foram destacados tanto pelos matizes vivos e brilhantes das tonalidades azuis, verde-água, rosas, amarelas e ocre, quanto pela proporção das áreas coloridas, concentradas nos grandes planos das paredes. Esse destaque foi enfatizado, igualmente, pelo contraste entre o fundo e detalhes salientes, os quais, via de regra, foram pintados de cores muito claras, próximas ao branco.

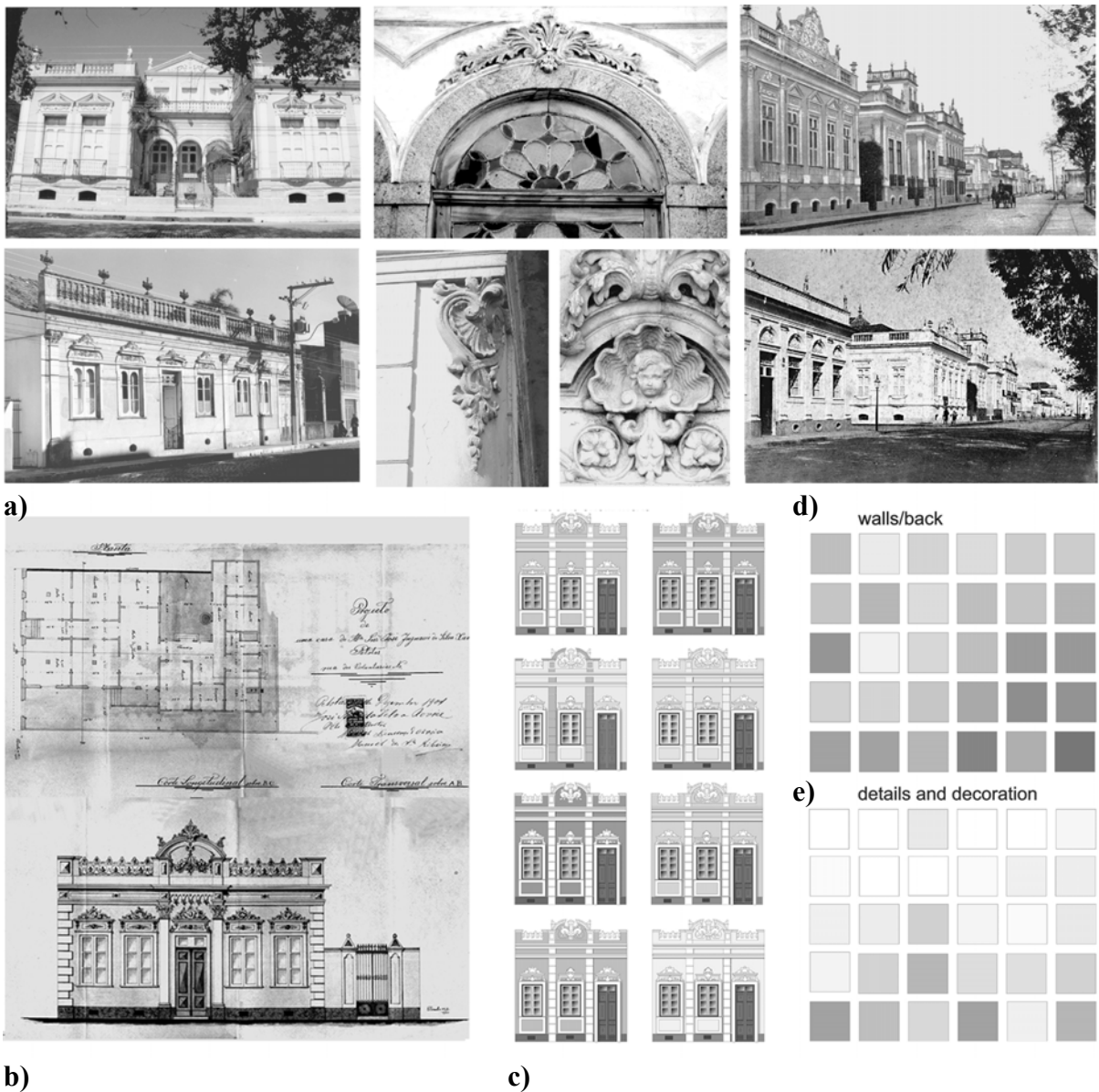


Figura 2: Estudo cromático da linguagem eclética da cidade de Pelotas.

a) Exemplos das edificações e detalhes ornamentais. Fotografias: Naoumova N.; Faria A.P. Neto de. b) Projetos das fachadas datados do final do século XIX, início do século XX. Acervo: Arquivo da Prefeitura Municipal de Pelotas. c) Esquemas das tipologias cromáticas. d) Paleta das cores das paredes. e) Paleta das cores dos detalhes e elementos decorativos.

No período eclético, destaca-se o papel da cor na imitação dos materiais nobres, tais como mármore e bronze, e abundância das técnicas decorativas de estuques (*scagliola*, *stucco-lustro*, *stucco-marmo*, *trompe-l'oeil* etc.), resultando em diferentes tipos de fingimentos. As cores escuras e de claridade média encontradas, em alguns casos, nos detalhes verticais (pilastras) e emolduramentos das esquadrias, evidenciaram possível influência do antigo emprego cromático da linguagem colonial (tais como uso de pedras nas

cantarias e cunhais). Ao contrário do período anterior, as portas e janelas não contrastavam com as paredes, mas tinham tratamento cromático diferenciado: no pavimento térreo, via de regra, eram escuras, e, no pavimento superior, de cor clara. Além disso, o marco da janela foi freqüentemente destacado com cor escura, enquanto o caixilho foi pintado com uma tonalidade clara. Nas fachadas, o efeito visual da pintura clara dos elementos decorativos, principalmente por causa do grande contraste com o fundo, produzia a sensação de que os relevos visualmente “saltavam” dos planos das paredes, causando a impressão de volumes mais acentuados. Da mesma maneira, a concentração das cores claras na platibanda provocava a sensação de superfície “bordada” e, com isso, aumentava a leveza visual da fachada e a verticalidade da edificação.

O período pré-modernista e as tipologias cromáticas da linguagem pré-modernista

Um terceiro tipo de construções com linguagem pré-modernista surgiu no momento de transição entre os períodos eclético e modernista, quando as inovações tecnológicas começaram a ser introduzidas nas cidades brasileiras. Esse período, situado entre o início e meados dos anos trinta do século XX, também foi chamado em alguns estudos como Segundo Período Eclético (SCHLEE, 1993; MOURA, 1998) em razão de algumas permanências na estruturação externa e interna dos volumes e a manutenção dos princípios gerais de composição das fachadas.

Assim, nessas construções, influenciadas parcialmente pelos estilos *Art-Nouveau* e *Art-Deco*, utilizavam-se ainda elementos de marcação horizontal e vertical, pilastras e cornijas, entretanto de formato mais simplificado. Muitas fachadas eram revestidas de materiais aparentes sem pintura (cimento, tijolos), possuíam elementos de cerâmica, platibandas segas ou com gradis metálicos. As paredes eram tratadas com texturas finas e baixos relevos obtidos com o espessamento do reboco. Apesar da simplificação e geometrização das linhas estruturais, e da aplicação de elementos decorativos em menor quantidade, a pureza volumétrica, essencial para o período modernista, ainda foi rejeitada (SCHLEE, 1993). A mudança marcante surgiu na proporção das janelas, que aumentaram significativamente a sua dimensão horizontal, e, igualmente, na altura das edificações em quantidade de andares.

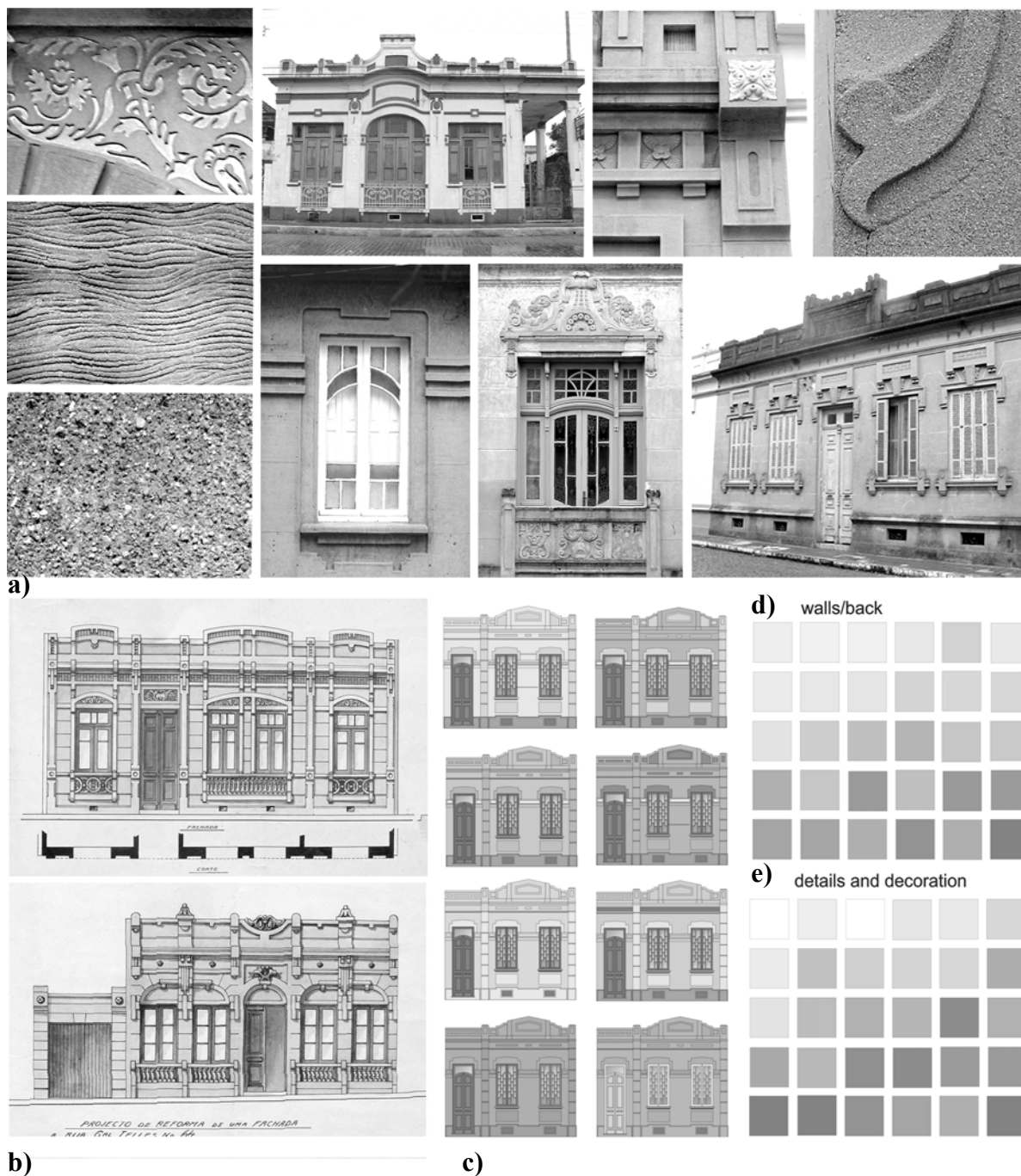


Figura 3: Estudo cromático da linguagem pré-modernista da cidade de Pelotas.

a) Exemplos das edificações e detalhes ornamentais. Fotografias: Naumova N. b) Projetos das fachadas datados do início do século XX. Acervo: Arquivo do Museu do Dom de Oivo de Zousa da URCAMP, Bagé. c) Esquemas das tipologias cromáticas. d) Paleta das cores das paredes. e) Paleta das cores dos detalhes e elementos decorativos.

Durante o período pré-modernista, ocorreu notável troca de códigos estéticos em relação à paleta das cores e sua estruturação cromática nas fachadas. A pintura do período anterior havia sido considerada como “bárbara” e “colorida demais”, não correspondendo ao

modelo de beleza da época. Como consequência, as cores neutras e discretas (beiges e cinzas), parecidas com os materiais novos, foram introduzidas nas edificações.

As cores amarelo e ocre constituíram a gama predominante de matizes relativamente saturados ainda empregadas para pintura, mas, geralmente, aplicavam-se em fachadas decoradas de edificações próximas às tipologias do período anterior. O cimento aparente ou Cirex, de diferentes tonalidades, substituiu os meios expressivos de pintura nas construções mais novas. Esse tipo de revestimento foi chamado, em Pelotas, de “cimento penteado” porque, na sua execução, utilizava-se a escova de metal para dar a impressão de superfície texturada. Diferentemente do período anterior, os relevos e as saliências não foram acentuados propositalmente pela cor, pois a maioria das fachadas era acromática ou de uma cor só. No entanto, em casos onde os detalhes foram diferenciados, podiam ser encontrados relevos e saliências tanto claros quanto escuros, evitando contrastes com a coloração do fundo das paredes. Em vez disso, o destaque cromático concentrou-se nos frisos e nichos pequenos, cuja aparência foi intensificada pelas texturas, cimentos pigmentados em rosa, ocre, vermelho e branco, e, às vezes, pelos desenhos complexos elaborados em técnica *esgrafito* (pintura ou desenho ornamental a fresco, imitando baixos relevos) (AGUIAR, 2005). Em muitos casos, a articulação plástica de superfície realizava-se somente através do jogo de sombras nas diferentes texturas (figura 3). As janelas e portas, na sua maioria, em cinza e marrom, também não demonstraram contrastes acentuados. A identificação das esquadrias pintadas de verde demonstra que a preferência por esse matiz, também característica dos períodos anteriores, foi parcialmente mantida.

Em geral, a proporção da área cromática da fachada diminuiu significativamente. A coloração sem contrastes unificava a aparência das edificações, provocando a impressão de volumes íntegros, às vezes pesados, com destaques pontuais que não alteravam essa sensação. Com isso, a coloração geral da cidade tornou-se mais opaca. Ao mesmo tempo, no contexto urbano, mediante a intensificação do processo de comunicação por meio de mensagens visuais, surgiu uma forte tendência de identificação comercial focada na cor.

Características cromáticas típicas dos prédios com linguagem luso-brasileira, eclética e pré-modernista

Os resultados sustentam o pressuposto de que prédios com distintas características estilísticas arquitetônicas apresentam atributos cromáticos identificáveis e consistentes, em termos de paleta, estruturação e dinâmica.

Os procedimentos metodológicos adotados para investigação permitiram identificar as características cromáticas locais e temporais do acervo construído do patrimônio histórico, assim como elaborar os esquemas cromáticos típicos correspondentes a cada linguagem arquitetônica e período histórico, conforme é ilustrado na tabela abaixo (tabela 1).

Tabela 1. Frequência de cores em fachadas prospectadas de acordo com os três períodos.

| | elementos das fachadas | categorias cromáticas * | | | | | | | | | | | | | | | |
|------------------------|-------------------------------|---|-----|------|-----|------|------|------|------|------|------|-----|------|-----|-----|------|----|
| | | número dos exemplos encontrados em primeira camada em % | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | m | vm | rs | lr | sm | am | oc | bg | vd | vs | az | cz | rx | va | br | pr |
| período colonial | 1 parede/fundo | 3,1 | 0 | 3,1 | 0 | 6,3 | 9,4 | 9,4 | 0 | 0 | 0 | 3,1 | 13 | 0 | 0 | 53 | 0 |
| | 2 embasamento | 3,6 | 0 | 3,6 | 3,6 | 18 | 3,6 | 3,6 | 3,6 | 0 | 0 | 7,1 | 7,1 | 0 | 7,1 | 39 | 0 |
| | 3 detalhes horizontais | 0 | 0 | 0 | 3,2 | 13 | 13 | 13 | 0 | 3,2 | 0 | 3,2 | 3,2 | 0 | 0 | 48 | 0 |
| | 4 detalhes verticais | 4,8 | 0 | 4,8 | 0 | 14 | 9,5 | 9,5 | 0 | 4,8 | 0 | 4,8 | 9,5 | 0 | 0 | 38 | 0 |
| | 5 emolduramentos(port/janel.) | 11 | 7,1 | 0 | 3,6 | 3,6 | 11 | 7,1 | 0 | 25 | 0 | 3,6 | 7,1 | 7,1 | 0 | 14 | 0 |
| | 6 janelas | 20 | 20 | 0 | 0 | 5 | 5 | 0 | 0 | 20 | 0 | 10 | 15 | 5 | 0 | 0 | 0 |
| | 7 portas | 19 | 19 | 0 | 0 | 0 | 6,3 | 0 | 0 | 38 | 0 | 0 | 6,3 | 13 | 0 | 0 | 0 |
| período eclético | 1 parede/fundo | 0 | 5,6 | 14 | 5,6 | 11 | 14 | 2,8 | 2,8 | 0 | 0 | 25 | 0 | 2,8 | 11 | 5,6 | 0 |
| | 2 embasamento | 3,6 | 7,1 | 7,1 | 11 | 18 | 14 | 11 | 7,1 | 0 | 0 | 3,6 | 11 | 3,6 | 3,6 | 0 | 0 |
| | 3 detalhes horizontais | 0 | 0 | 0 | 3,6 | 11 | 25 | 0 | 3,6 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3,6 | 53,6 | 0 |
| | 4 detalhes verticais | 0 | 0 | 0 | 3,2 | 3,2 | 13 | 3,2 | 6,5 | 0 | 0 | 0 | 3,2 | 0 | 3,2 | 6,5 | 0 |
| | 5 emolduramentos(port/janel.) | 0 | 0 | 0 | 5,9 | 8,8 | 18 | 5,9 | 5,9 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5,6 | 0 |
| | 6 janelas | 0 | 6,3 | 0 | 0 | 13 | 0 | 6,3 | 13 | 25 | 12 | 0 | 6,3 | 0 | 13 | 6,3 | 0 |
| | 7 portas | 5,6 | 11 | 11 | 0 | 22 | 0 | 11 | 5,6 | 28 | 0 | 0 | 5,6 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| período pré-modernista | 1 parede/fundo | 0 | 0 | 5,8 | 0 | 5,8 | 9,61 | 17,3 | 38,5 | 0 | 3,85 | 0 | 17,3 | 0 | 0 | 1,9 | 0 |
| | 2 embasamento | 1,96 | 0 | 5,88 | 0 | 11,8 | 13,7 | 13,7 | 33,3 | 0 | 5,88 | 0 | 13,7 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | 3 detalhes horizontais | 2,63 | 0 | 2,63 | 0 | 2,63 | 13,2 | 7,89 | 42,1 | 0 | 5,26 | 0 | 18,4 | 0 | 0 | 5,26 | 0 |
| | 4 detalhes verticais | 0 | 0 | 2,27 | 0 | 6,82 | 11,4 | 9,09 | 40,9 | 0 | 4,54 | 0 | 20,4 | 0 | 0 | 4,54 | 0 |
| | 5 decoração geral | 4,65 | 0 | 13,9 | 0 | 11,6 | 11,6 | 9,30 | 20,9 | 0 | 2,32 | 0 | 13,9 | 0 | 0 | 11,6 | 0 |
| | 6 decoração pontual | 0 | 0 | 14,3 | 0 | 0 | 0 | 14,3 | 28,6 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 42,9 | 0 |
| | 7 emolduramentos(port/janel.) | 0 | 0 | 0 | 0 | 4,76 | 16,7 | 9,52 | 35,7 | 0 | 7,14 | 0 | 23,8 | 0 | 0 | 2,38 | 0 |
| | 8 janelas | 40 | 0 | 0 | 0 | 10 | 10 | 0 | 0 | 20 | 10 | 0 | 10 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| | 9 portas | 33,3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 9,52 | 9,52 | 28,6 | 0 | 9,5 | 9,5 | 0 | 0 | 0 | 0 |

* m - marrom; vm - vermelho; rs - rosa; lr - laranja; sm - salmão/cerâmica; am - amarelo; oc - ocre; bg - bege; vd - verde; vs - verde musgo; az - azul; cz - cinza; rx - roxo; va - verde-água; br - branco; pr - preto.

período pré-modernista

A tipologia cromática das edificações de linguagem luso-brasileira foi estabelecida com base em uma paleta geral de gama restrita: a) paredes principalmente em cores claras (branco, ocre e rosa envelhecido), entre elas o ocre e o rosa poderiam aparecer como mais fortes; b) detalhes em ocre, cinza, menos freqüente, em azul e salmão; e c) esquadrias com cores escuras em marrom avermelhado, verde e azul. À distribuição dessas cores nas fachadas seguiu um esquema resultante da combinação de dois ou três matizes que marcavam os

elementos salientes e as esquadrias ou um outro esquema sem destaques, com a utilização da mesma pintura em todos os planos e detalhes (figuras 1c, 1d e 1e).

As tipologias cromáticas das edificações com linguagem eclética foram definidas valendo-se de paletas com ampla variação de matizes: a) paredes em cores de claridades médias e médias saturadas (azul, verde-água, rosa, salmão, amarelo e ocre); b) detalhes em cores brancas, amarelas claras e beges; c) janelas em cores beges, marrons claros ou brancos, diferenciadas das portas pintadas em verdes e marrons escuros. A estruturação dessas cores nas fachadas requereu a combinação de, no mínimo, três matizes, com contraste acentuado nos detalhes brancos e paredes significativamente mais escuras e saturadas (figuras 2c, 2d e 2e). Esses resultados indicam que a coloração dos prédios com linguagem eclética representou maior diversidade cromática do que as das edificações de linguagem luso-brasileira do período colonial.

As tipologias cromáticas das edificações de linguagem pré-modernista limitaram-se a uma gama de cores neutras, semelhantes às das tonalidades próprias dos materiais aparentes (cimento), definidas especificamente por: a) paredes em cores cinza, bege ou amarelo; b) detalhes de marcação estrutural das fachadas em matizes próximos das paredes em nuances “tom sobre tom”, com diferentes níveis de claridade; c) decoração de elementos pontuais em ocre, branco, vermelho, rosa e azul; e d) esquadrias em marrom e cinza. A estruturação das cores nas fachadas evidenciou os esquemas sem contrastes bruscos de claridade entre elementos e fundo das paredes, com ou sem destaque dos elementos e jogo de texturas finas (figuras 3c, 3d e 3e).

Conclusão

O estudo revelou a formação da imagem cromática urbana do centro histórico como processo contínuo e dinâmico, com o desenvolvimento constante dos recursos cromáticos, confirmando as investigações de Gage (1993), Efimov (1990), Lenclos (1989,1995), Lancaster (1996), e Aguiar (2005) sobre esse aspecto. Ainda, foi estabelecido que as transformações ocorridas na linguagem formal de períodos históricos subsequentes originaram transformações nos esquemas das cores, proporcionando uma diferente leitura das fachadas, tanto em termos da interpretação formal quanto de significado.

Os resultados indicaram que a policromia atual do centro histórico de Pelotas está construída com base na acumulação de componentes cromáticos de vários períodos e suas interligações, e, para manter a identidade histórica da cidade, assim como a sua autenticidade

cultural, todos esses componentes devem ser preservados. Os resultados enfatizam a importância de realizar estudos cromáticos baseados em perspectivas históricas, com o reconhecimento das peculiaridades do acervo cultural construído e a necessidade de conservação e desenvolvimento do patrimônio urbano, devido ao importante papel em apoiar o processo de desenvolvimento sustentável baseado em tradições locais e recursos da comunidade. Isso deveria ser contemplado por recomendações de planejamento e desenho urbano, visando aumentar o potencial de gerar cidades sustentáveis e ambientes agradáveis, a partir de resultados íntegros e confiáveis.

Referências

- AGUIAR, J. Cor e cidade histórica. Porto: Edições FAUP, 2005.
- COETERIER, J.. Permanent Values in a Changing World. In Proc. of the 14th Conference of the International Associations for People - Environment Studies - Changing. Stockholm, 1996, p.120-128.
- CZAJKOWSKI, J. (org.). Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000.
- DOMINGUES A-M.. António Almeida da Costa e a Fábrica de Cerâmica das Devesas antecedentes, fundação e maturação de um complexo de artes industriais maturação de um complexo de artes industriais (1858-1888). Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2004.
- EFIMOV, A. Policromia da cidade. Construction: Moscow, 1990.
- GAGE, J. Color and Culture. Los Angeles: University of California Press, 1993.
- GÜNTER, W. A fase historicista da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: Fabris, A. (ed) Ecletismo na arquitetura Brasileira, p.259-277, 1987.
- LENCLOS, J. Ph. Les couleurs d'Europe. Paris: Moniteur. 1995.
- LENCLOS, J. Ph. The geography of colour. Toquio: San'ei Shobo publishing Company, 1989.
- LANCASTER, M. Colourscape. London: Academy Editions, 1996.
- NAOUMOVA N., FARIA A.P. Melhoramento da identidade visual de áreas urbanas históricas pelo planejamento de estratégias cromáticas: Estudo de caso em ambiente cultural ibero-americano de Piratini - Brasil. In: Anais 3 ENCORRE. Encontro sobre conservação e reabilitação de edifícios. Lisboa: LNEC, v.2, 2003, p. 823-832.

- NAOUMOVA, N.. Definição das cores do Ambiente Urbano do Centro Histórico de Pelotas-RS. Relatório da Pesquisa. Pelotas, FAPERGS, v.1, v.2, 2000/2003.
- NORBERG-SCHULZ, C. 1984. Genius Loci. New York: Rizzoli.
- PATETA L. Considerações sobre o ecletismo na Europa. In: Fabris, A. (org.) Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- PURCELL T. Aesthetics, measurement and control. Architecture Australia, V. 73, n. 4, p. 29-38, 1984.
- SABRI, C. Conservation of urban values in the age of globalization. Anais do 9th International Planning Conference: Helsinki, 174, 2000.
- SAINT- HILAIRE, A. Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821). Belo Horizonte: Livraria Itatiaia, 1974.
- SCHLEE, A. O ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 30 e 40. Dissertação, PROPARG, UFRGS, Porto Alegre, 1993.
- SMITH, R. Arquitetura Civil do Período Colonial. In: Rodrigues, J. W. Arquitetura Civil I. São Paulo: FAUUSP / MEC / IPHAN, 1975.
- STAMPS III, Artur E. Are environmental aesthetics worth studying? The Journal of Architectural and Planning Research, 6:4, 1989, p.344-355.
- VASCONCELLOS, S. Vila Rica. Formação e desenvolvimento - Residências. Rio de Janeiro: Instituto nacional do livro, MEC, 1956.